

EMPREENDEDORISMO INDÍGENA NO TOCANTINS: UM ESTUDO COM A COMUNIDADE APINAJÉ DA ALDEIA SÃO JOSÉ¹

INDIGENOUS ENTREPRENEURSHIP IN THE TOCANTINS: A STUDY WITH THE COMMUNITY APINAJÉ OF THE VILLAGE SÃO JOSÉ

Marcos Pereira da SILVA², Severina Alves de ALMEIDA Sissi³

² Acadêmico do quinto período do Curso de Administração da Faculdade de Ciências do Tocantins FACIT. E-mail: marcos.pereira1602@hotmail.com.

³ Orientadora. Professora Adjunta da Faculdade de Ciências do Tocantins FACIT. Pós-doutoranda na Universidade Federal do Tocantins UFT. Doutora em Linguística pela Universidade de Brasília UnB (2015). Mestre em Ensino de Língua e Literatura pela Universidade Federal do Tocantins UFT. Graduada em Pedagogia pela Universidade Federal do Tocantins UFT. E-mail: sissi@faculdefacit.edu.br.

RESUMO:

O objetivo desse trabalho foi identificar, descrever e analisar a incidência do Empreendedorismo entre os povos indígenas do Tocantins. Além desse, buscamos perceber quais são os povos indígenas que habitam no Tocantins, identificando aspectos como etnias, população e educação; conhecer e identificar quem são os indígenas Apinajé, quantos são e como se relacionam com a sociedade de seu entorno; identificar e perceber como os Apinajé da aldeia São José realizam a venda de seus artesanatos, produção agrícola e frutas nativas, por exemplo, a amêndoa de Babaçu. A pesquisa realizou-se em momentos distintos contemplando estudos teóricos, ou seja, pesquisas bibliográfica, documental e internetnográfica. A pesquisa bibliográfica efetivou-se mediante leituras de livros, capítulos de livros e artigos publicados em periódicos disponíveis na internet. A pesquisa documental deu-se mediante consulta a sites especializados como o Instituto Sócio Ambiental (ISA), e Laboratório de Línguas Indígenas (LALI) da Universidade Federal do Tocantins (UFT). A pesquisa internetnográfica realizou-se a partir da rede mundial de computadores, internet, incluindo a rede social Facebook e o blog da Associação União das Aldeias Apinajé-PEM-PXÃ. Os resultados permitem afirmar que os indígenas do Tocantins, notadamente os Apinajé são empreendedores; quer seja confeccionando artesanato, quer vendendo amêndoas de babaçu para uma Bioindústria, a Tobasa, instalada em Tocantinópolis; quer vendendo o excedente de sua produção agrícola, livre de agrotóxicos.

Palavras chave: Empreendedorismo. Empreendedorismo indígena. Indígenas do Tocantins. Apinajé.

¹ Apoio Financeiro FACIT - Pesquisa de iniciação científica com bolsa – PIBIC/FACIT, 2017-2018.

ABSTRACT:

The objective of this study was to identify, describe and analyze the incidence of Entrepreneurship among the indigenous peoples of Tocantins. In addition, we sought to understand the indigenous peoples living in Tocantins, identifying aspects such as ethnicity, population and education; to know and to identify who are the Apinajé natives, how many are and how they relate to the society of their surroundings; identify and perceive how the Apinajé of the village of São José carry out the sale of their handicrafts, agricultural production and native fruits, for example, the almond of Babaçu. The research was carried out at different moments contemplating theoretical studies, that is, bibliographic, documentary and internetnographic research. The bibliographical research was carried out through readings of books, chapters of books and articles published in periodicals available on the Internet. Documentary research was done through consulting specialized websites such as the Socio-Environmental Institute (ISA) and the Laboratory of Indigenous LALI) of the Federal University of Tocantins (UFT). The internetnographic research was carried out from the world-wide network of computers, Internet, including the social network Facebook and the blog of the Union Association of Aldeias Apinajé-PEMPXÀ. The results allow us to affirm that the indigenous people of Tocantins, especially the Apinajé are entrepreneurs; whether making handicrafts or selling Babaçu almonds to a Bioindustry, Tobasa, installed in Tocantinópolis; either by selling the surplus of its agricultural production, free of pesticides.

Keywords: Entrepreneurship. Indigenous entrepreneurship. Indigenous of Tocantins. Apinajé.

1. INTRODUÇÃO

Os indígenas no Brasil estão sob a proteção de uma vasta legislação, por exemplo: Convenção Relativa à Proteção das Crianças e à Cooperação em Matéria de Adoção Internacional - Resolução n.º 12 da Secretaria Especial dos Direitos Humanos - de 09. 05.2008; Declaração das Nações Unidas sobre os direitos dos povos indígenas – ONU - 13.09.2007; Convenção n.º 169 da Organização Internacional do Trabalho - OIT – Decreto n.º 5.051, de 19.04.2004; Convenção n.º 169 da Organização Internacional do Trabalho na língua Guarani-Kaiowá; Convenção n.º 169 da Organização Internacional do Trabalho na língua Terena; Constituição da República Federativa do

Brasil de 1988; Estatuto do Índio – Lei n.º 6.001, de 19.12.1973, dentre outros, que garantem direitos seus básicos.

Não obstante, áreas como Educação, Saúde e Empreendedorismo assumem relevância, constituindo visibilidade a esses povos que historicamente são excluídos da apropriação dos bens sociais que é direito de todo brasileiro. Segundo Almeida (2015), uma nova era se anuncia a partir da Constituição do Brasil de 1988, uma vez que os direitos dos indígenas brasileiros estão expressos em Capítulo Específico (Título VIII, Da Ordem Social, Capítulo VIII, Dos Índios) com preceitos que asseguram o respeito à organização social, aos costumes, às línguas, crenças, tradições, saúde e formas de sobrevivência numa

sociedade onde os valores se chocam quando confrontados com as tradições indígenas.

Nesse sentido, apresentamos esse artigo, resultado de uma pesquisa sobre o Empreendedorismo Indígena no Estado do Tocantins, mais precisamente sobre a forma como os indígenas Apinajé da aldeia São José, negociam mantimentos e artesanatos com a sociedade de seu entorno, na cidade de Tocantinópolis. Ademais, trabalhos de pesquisa voltados para a questão indígena são muito relevantes. Isso porque, independentemente da área do conhecimento, as aldeias indígenas e seus habitantes oferecem um vasto leque de possibilidades em relação a novos projetos.

Com efeito, a área da Administração, principalmente o Empreendedorismo, é algo inovador, o que justifica essa nossa proposta, pois nas aldeias existem inúmeras possibilidades de desenvolver negócios, que vão desde a confecção de artesanatos, produção agrícola, criação de animais, colheita de frutas nativas, dentre outros.

Nessa perspectiva, tivemos como objetivo geral identificar, conhecer, descrever e analisar a incidência do Empreendedorismo entre os povos indígenas do Tocantins. Como objetivos específicos elencamos: 1) Identificar quais são os povos indígenas que habitam no Tocantins, percebendo aspectos como etnias, população e educação; 2) Conhecer e identificar quem são os indígenas Apinajé, quantos são e como se relacionam com a sociedade de seu entorno; 3) Pesquisar, identificar e perceber como os Apinajé da aldeia São José realizam a venda de seus artesanatos, produção agrícola e frutas nativas, por exemplo, a amêndoa de Babaçu; 4) Manter parceria com

o LALI – Laboratório de Línguas Indígenas da Universidade Federal do Tocantins UFT, para que a cartilha seja elaborada de forma bilíngue, na língua indígena e portuguesa.

A pesquisa efetivou-se em momentos distintos, quais foram: **Pesquisa bibliográfica.** Este procedimento se caracteriza por revisão de literatura, e se deu durante todo o período de realização do trabalho, de forma que subsidiou as demais etapas da investigação. A ênfase maior foi nas produções acerca do empreendedorismo nas comunidades indígenas brasileiras. Segundo Gil (2002, p. 44), a pesquisa bibliográfica é aquela: [...] desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos. Embora em quase todos os estudos seja exigido algum tipo de trabalho dessa natureza, há pesquisas desenvolvidas exclusivamente a partir de fontes bibliográficas. **Pesquisa Documental:** Tal procedimento metodológico se faz necessário uma vez que, para entendermos quem são os indígenas do Tocantins, principalmente os Apinajé. **Pesquisa Internetnográfica:** Esta se realizou a partir da rede mundial de computadores, internet, incluindo a rede social Facebook e o blog da Associação União das Aldeias Apinajé-PEMPXÃ. Segundo Almeida et al (2017, p. 125), o conceito de pesquisa Internetnográfica evoluiu da percepção da Netnografia⁴, uma vez que ambas são originárias de ambientes virtuais e se efetivarem pelo uso dos artefatos que dão acesso à Internet. A Internetnografia é literalmente “Escrita pela Internet”, ou seja, tudo que gera os dados advém de uma busca que pode se efetivar com mais rapidez e agilidade pelo Google.

⁴ Segundo Kozinets (2014) *apud* Almeida et al (2017) a netnografia é uma metodologia utilizada para gerar dados mediante ambientes virtuais, impulsionada pela sociedade digital, movidos pela necessidade de se entender as atividades sociais bem como as interações intersubjetivas pela internet.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A pesquisa insere-se num contexto intercultural e indígena, expandindo-se para uma área da Administração que é o Empreendedorismo. Sendo assim, a frente teórica abrange: indígenas brasileiros; indígenas do Tocantins; os Apinajé; administração; empreendedorismo; empreendedorismo indígena, conforme segue.

2.1. Indígenas no Brasil

Segundo Almeida (2012; 2015; 2016) e Albuquerque (2007; 2016), estima-se que a população indígena brasileira, no século XVI, era cerca de 7 milhões a 10 de pessoas de diversas etnias. De acordo com o IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2010), a População Indígena Brasileira é de 896,9 mil pessoas, distribuídos por 305 etnias, sendo as mais populosas: Ticuna: 35.000; Guarani: 30.000; Caingangue: 25.000; Macuxi: 20.000; Terrena: 16.000; Guajajara: 14.000; Xavante: 12.000; Ianomâmi: 12.000; Paxatô: 9.700; Potiguar: 7.700⁵.

Nesse sentido,

[...] as tribos indígenas mais populosas do Brasil são a ticuna e a guarani, as únicas que possuem 30 mil integrantes ou mais. Por todo o contexto histórico de massacres à população nativa do Brasil, se torna essencial a realização de políticas públicas direcionadas à proteção do índio, evitando invasões às suas terras por

parte de fazendeiros, garimpeiros, madeireiros, posseiros, entre outros que pretendem realizar a exploração econômica no local. Outro fator é a construção de hidrelétricas, que, em alguns casos, necessita que a população indígena seja retirada de seu terreno para o alagamento do mesmo (<http://mundoeducacao.bol.uol.com.br/geografia/a-populacao-indigena-no-brasil.htm>, 25-set-2017).

A situação dos indígenas brasileiros é muito preocupante, pois, segundo Almeida (2015), eles enfrentam não somente a ação dos fazendeiros de seu entorno, mas também a problemática de se adequarem a uma realidade social em que precisam praticar compra e venda de alimentos e consumo, indo, pois, contra a tradição indígena, que desconhece esse tipo de atividade econômica.

2.2. O Tocantins Indígena

Segundo Albuquerque (2007; 2010) e Almeida (2015; 2017), são sete os povos indígenas do Tocantins: “[...] Apinajé, Javaé, Karajá, Karajá-Xambioá, Krahô, Krahô-Kanela e Xerente, totalizando aproximadamente 11.739 indígenas, computando não somente os que habitam nas aldeias, mas também aqueles considerados urbanos e desaldeados” (ALMEIDA, 2015, p. 78).

Ainda de acordo com Almeida (2017), os indígenas do Tocantins, assim como os demais indígenas brasileiros, são receptíveis quanto às formas de vida da sociedade não indígena, principalmente no que diz respeito a ações que

⁵ Fonte: <http://mundoeducacao.bol.uol.com.br/geografia/a-populacao-indigena-no-brasil.htm>. Acesso em: 25-set-2017.

envolvem venda e compra de produtos, quando eles buscam formas de serem aceitos pela sociedade nacional, sentindo-se parte integrante desta.

Os **Karajá, Javaé e Karajá Xambioá** são o mesmo povo e se autodenominam Iny, pertencentes ao tronco linguístico Macro-Jê, família Karajá e falantes da língua Karajá. Os três grupos migraram do norte, baixo Araguaia, mesmo antes de os invasores chegarem aqui nos anos de 1500 (RODRIGUES, 2002).

2.3. Empreendedorismo: Os indígenas em Foco

Segundo o Sebrae - Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (2018), empreendedorismo é o processo de iniciativa de implementar novos negócios ou mesmo mudanças em comunidades onde se tem a cultura da compra e venda de produtos. É um termo largamente usado no âmbito empresarial e na maioria das vezes está relacionado com a criação de empresas ou produtos. Ademais, o empreendedorismo está muito relacionado com a questão de inovação, na qual há determinado objetivo de se criar algo dentro de um setor ou produzir algo novo⁶.

Segundo Adelar Francisco e Baggio Daniel Knebel Baggio (2014, p. 26):

O empreendedorismo pode ser compreendido como a arte de fazer acontecer com criatividade e motivação. Consiste no prazer de realizar com sinergismo e inovação qualquer projeto pessoal ou organizacional, em

desafio permanente às oportunidades e riscos. É assumir um comportamento proativo diante de questões que precisam ser resolvidas. [...] O empreendedorismo é o despertar do indivíduo para o aproveitamento integral de suas potencialidades racionais e intuitivas. É a busca do autoconhecimento em processo de aprendizado permanente, em atitude de abertura para novas experiências e novos paradigmas.

Nesse sentido, o comportamento empreendedor não somente impulsiona as pessoas como transforma contextos. Ademais, o empreendedorismo resulta na destruição de velhos conceitos, que por serem velhos não têm mais a capacidade de surpreender e encantar. Isso porque, a essência do empreendedorismo está na mudança, uma das poucas certezas da vida. Por isso o empreendedor vê o mundo com novos olhos, com novos conceitos, com novas atitudes e propósitos (BAGGIO E BAGGIO, 2014).

Expandindo o conceito de Empreendedorismo no âmbito do objeto desse estudo, temos o “Empreendedorismo Indígena”, que trata da expansão comercial de artefatos como o artesanato, que valoriza a cultura indígena e ficou conhecido no mundo todo e se apresenta mesmo como uma fonte de renda para muitos indígenas. Segundo a artesã indígena da etnia Sateré Mawé, Maria do Carmo Vieira do Nascimento, 60, ou Hary, ela viu no artesanato uma forma de garantir o sustento. De acordo com dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 2010 eram

⁶ Fonte: Sebrae-<https://pt.wikipedia.org/wiki/Empreendedorismo>. Acesso em: 25-set-2017.

52.178 ocupados e que contribuíram para o instituto de previdência oficial, em qualquer trabalho no Amazonas. Dos quais, 29.826 são homens e 22.352 mulheres⁷.

Além atuar nas vendas de peças de sua criação, a indígena Hary trabalha na produção das peças inspiradas na arte Sateré. “Minha peça preferida para confeccionar é coruja na madeira, que traz o simbolismo da sabedoria. As esculturas são as mais vendidas. As pessoas gostam do tatu, jabuti, pássaro, carranca que mexe a cabeça”, disse Hary, lembrando que começou a “mexer” com artesanato, já nos primeiros anos de vida, por incentivo da mãe. “Comecei com o artesanato desde quando comecei a comer. Com 7 anos já era profissional, minha mãe me ensinou a arte, que veio dos nossos antepassados, dos nossos avós”, conclui a indígena que se sente uma “Empreendedora”⁸.

No início, reunir sementes, ossos e penas, era uma brincadeira incentivada pelas mães da aldeia, para que as crianças se entretecem. “Nossa criação foi assim, não tinha brinquedos. A mãe dava uma folha de embaúba e a gente brincava. Mãe colocava a gente sentada do lado dela e aprendendo as coisas com ela. Fomos desde cedo aprendendo as coisas com os mais velhos” (HARY, 2017, s/p). (Aspas do texto original).

Não obstante:

Com o artesanato, a cultura indígena

vive, fica conhecida no mundo todo e é da onde eu consigo renda”, disse a artesã indígena da etnia Sateré Mawé, Maria do Carmo Vieira do Nascimento, 60, ou Hary. Após trocar a aldeia – as margens do rio Andirá, próximo ao município de Barreirinha – pela capital, ela viu no artesanato uma forma de garantir o sustento. A história de Hary é semelhante a de dezenas de outras indígenas que apostaram no empreendedorismo para gerar renda e garantir para a permanência feminina no mercado de trabalho (HARY, 2017, s/p). (Aspas do texto original).

Como percebemos, o artesanato é uma das formas de empreendedorismo entre os indígenas, que não somente permite a inserção desses povos no mercado de trabalho, como também promove a preservação de uma cultura muito rica em termos de patrimônio nacional. Ademais, outros artefatos como sementes, produção agrícola, colheita de frutas, também são exemplos de possibilidades no empreendedorismo indígena.

No Tocantins, os povos indígenas têm realizado ações, pois, de acordo com o Sebrae, consolidar a atividade artesanal, bem como promover o empreendedorismo indígena no estado, é uma das principais motivações do Sebrae do Tocantins, que colocou à disposição dos indígenas a designer brasileira Heloísa Crocco. Notadamente para a Feira Mundial de Artesanato Indígena, a qual é promovida pelo

⁷ Fonte: <https://investigacoesindigenas.wordpress.com/category/empreendedorismo-indigena>. Acesso em: 25-set-2017.

⁸ Fonte: <https://investigacoesindigenas.wordpress.com/category/empreendedorismo-indigena>. Acesso em: 25-set-2017.

Sebrae Tocantins, durante os Jogos Mundiais dos Povos Indígenas, a designer trabalhou cerca de seis meses. O projeto consistiu na curadoria dos produtos de tradição das etnias, que indicadas pelo Comitê Intertribal Memória e Ciência Indígena (ITC) para compor a Feira⁹.

3. RESULTADO E DISCUSSÃO

Aqui apresentamos e discutimos os resultados da pesquisa, buscando identificar se conseguimos atingir nossos objetivos. Nesse sentido, apresentamos os resultados em relação ao objetivo geral que foi identificar, descrever e analisar a incidência do Empreendedorismo entre os

povos indígenas do Tocantins.

A pesquisa realizada possibilitou a percepção de que os indígenas do Tocantins são povos empreendedores em situações próprias de sua cultura. Além disso, buscamos perceber quais são os povos indígenas que habitam no Tocantins, identificando aspectos como etnias, população e educação; conhecer e identificar quem são os indígenas Apinajé, quantos são e como se relacionam com a sociedade de seu entorno; identificar e perceber como os Apinajé da aldeia São José realizam a venda de seus artesanatos, excedentes agrícolas e as amêndoas do coco babaçu.

Fig. (1). Anúncio de venda artesanato indígena.



Fonte: <http://artesanatoindigena.com/artesanato-indigena-do-tocantins>. Acesso em: 11-mar-2019.

A produção artesanal dos povos indígenas do Tocantins é rica, diversificada e se confunde com o cotidiano dos indígenas. É, pois, uma das mais belas e significantes expressões da nossa arte tradicional.

3.1. Os Javaé

Os Javaé, segundo Albuquerque (2013) e

Almeida (2015), assim como os indígenas Karajá e os Karajá-Xambioá, são um dos poucos povos indígenas da antiga Capitania de Goiás que sobreviveram às capturas e grandes mortandades promovidas pelos Bandeirantes, à política repressora dos aldeamentos, às epidemias trazidas pelos colonizadores em épocas diferentes e também à invasão crescente do seu território.

Os indígenas Javaé falam a Língua Karajá,

⁹ <https://www.t1noticias.com.br/jmpi2015/sebrae-promove-oficinas-de-design-para-os-indigenas>. Acesso em: 25-set-2017).

pertencente ao tronco linguístico Macro-Jê, que se divide em três dialetos pertencentes a três etnias distintas: os Karajá, os Javaé e os Karajá-Xambioá (RODRIGUES, 2002) *apud* (ALMEIDA, 2015).

O povo Javaé, também conhecido como Iny são excelentes artesões de arte plumária (confecção de haretôs, colares, brincos, braçadeiras e tornozeleiras), cerâmicas (potes, pratos, tigelas e bonecas ornamentais – ritxòò) e cestaria, que serve para transporte e armazenamento de mantimentos (<http://artesanatoindigena.com/artesanato-indigena-do-tocantins>, acesso em: 11-mar-2019).

3.2. Os Indígenas Karajá

O nome desse povo na língua karajá é Iny,

que traduzido para o Português significa “nós”. O nome Karajá não é a autodenominação original. É um nome tupi que se aproxima do significado de “macaco grande”. O mito de origem dos Karajá conta que eles moravam numa aldeia, no fundo do rio, onde viviam e formavam a comunidade dos Berahatxi Mahadu, ou povo do fundo das águas. Satisfeitos e gordos, habitavam um espaço restrito e frio. Interessado em conhecer a superfície, um jovem Karajá encontrou uma passagem, inysedena, lugar da mãe da gente na ilha do Bananal (ALMEIDA, 2015).

A arte dos Karajá é diversificada e muito rica, por exemplo, a cestaria, feita tanto pelos homens como pelas mulheres, apresenta motivos trançados inspirados na fauna, como partes do corpo dos animais (TAVEIRA, 1982)¹⁰.

Fig. (2). Cestaria Karajá.



Fonte: <https://pib.socioambiental.org>. Acesso em: 08-mai-2019.

¹⁰ Fonte: <https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Karaj%C3%A1>. Acesso em: 08-mai-2019.

Já a arte cerâmica é exclusiva das mulheres, apresentando os mais variados tipos e motivos, desde utensílios domésticos, como potes e

pratos, até bonecas com temas mitológicos, rituais, da vida cotidiana e da fauna.

Fig. (3). As bonecas Karajá (ritxòkò).



Fonte: <https://pib.socioambiental>. Acesso em: 08-mai-2019.

Motivo de grande interesse dos turistas que visitam as aldeias Karajá, notadamente nas temporadas de praia do rio Araguaia (junho, agosto e setembro), as bonecas Karajá tornaram-se mesmo um meio de subsistência do grupo. Atividade única das mulheres, estas figuras de cerâmica tiveram no passado e ainda têm uma função lúdica para as crianças, mas também é instrumento de socialização da menina, conforme estudou Heloisa Fenélon Costa (1968), onde são modeladas dramatizações de acontecimentos da vida cotidiana.

Mais do que objetos meramente lúdicos, as ritxòkò são consideradas

representações culturais que comportam significados sociais profundos, reproduzindo o ordenamento sociocultural e familiar dos Karajá. Com motivos mitológicos, de rituais, da vida cotidiana e da fauna, as bonecas karajá são importantes instrumentos de socialização das crianças que se veem nesses objetos e aprendem a ser Karajá. Enquanto brincam com as bonecas ou observam a sua feitura, as meninas recebem importantes ensinamentos e aprendem também as técnicas e saberes associados à sua confecção e usos. Por

representarem cenas do cotidiano e dos ciclos rituais, elas portam e articulam sistemas de significação da cultura Karajá e, dessa forma, são também lócus de produção e comunicação dos seus valores (BRASIL, 2012, s/p.).

Com efeito, o processo criativo de produção das ritxòkò dá-se por meio de um jogo de elaboração e variação de formas e conteúdos determinado por uma série de fatores, tais como a experiência, a habilidade técnica e a preferência estética da ceramista pela combinação dos motivos temáticos e dos diversos padrões de grafismo aplicados. Também expressa a função do objeto, o acesso às matérias-primas e a disponibilidade de recursos financeiros para compra de materiais. Desta forma, as bonecas Karajá condensam e expressam importantes aspectos da identidade do grupo, além de simbolizar diversos planos de sua sociocosmologia (BRASIL, 2012).

3.3. Artesanato indígena Xerente: Artesanato em Capim Dourado

O povo Xerente mantém contato com a sociedade não indígena há mais de 250 anos. Mesmo mantendo essa relação, os Xerente conservam e expressam suas tradições, mostrando para a população a riqueza de sua cultura. De acordo com um senso feito pela Fundação Nacional da Saúde (Funasa) no ano de 2010, são 3.017 indígenas vivendo em 31 aldeias. A língua utilizada é um dialeto que pertence à família Jê¹¹.

Em relação ao artesanato, os Xerente (Akwê), considerado o povo do traçado,

[...] utiliza a seda do buriti e o capim dourado para a confecção de cestaria, bolsas e enfeites com sementes do capim tiririca (capim navalha), mulungu e sabonete. Os timbira se destacam com o trabalho de brincos e colares feitos de sementes nativas e do bambuzinho; utilizam nos adornos as cores básicas – vermelho e preto – e confeccionam cestos com palha de babaçu. Os motivos dos adornos são representações do que existe na fauna, flora e no cotidiano. Os conhecimentos tradicionais recebidos dos antepassados são transferidos para as gerações através da oralidade e da observação (<http://artesanatoindigena.com/artesanato-indigena-do-tocantins>, acesso em: 11-mar-2019).

Um artesanato muito importante da cultura xerente são as tiaras confeccionadas com capim dourado, vendidas pelos próprios indígenas por 20,00 (vinte reais).

¹¹ Fonte: <https://cidadaniaejustica.to.gov.br/noticia/2015/8/17/povo-indigena-xerente-apresenta-a-forca-de-sua-cultura-e-tradicao>. Acesso em: 1108-mai-2019.

Fig. (4). Tiaras Xerente.



Fonte: <https://vestcult.files>. Acesso em: 08-mai-2019.

3.4. Artesanato Krahô

O artesanato Krahô é confeccionado a partir de matéria prima natural, ecologicamente correto. O processo de feitiço das gargantilhas e pulseiras inicia-se com a coleta de sementes, como as sementes de tiririca e as sementes de cabeça de formiga. Depois de coletadas as sementes, começa o processamento de cada uma delas. Cada semente tem sua particularidade, cada uma apresenta uma forma de processamento diferente. As sementes de cabeça de formiga, quando coletadas, apresentam uma casca verde, mas após o processamento tornam-se vermelhas. Não há muita dificuldade para encontrar e coletar as sementes de cabeça de formiga, entretanto furá-las é um processo muito trabalhoso, pois elas são extremamente duras e são furadas uma a uma (CENTRO CULTURAL KAJRE, s/d).

Artesãs indígenas Krahô utilizam matérias-primas diversas, seja de origem animal

ou vegetal, para a confecção de seus artefatos e utensílios. Entre estas, uma desperta especial interesse e curiosidade, por sua origem manufaturada e poder de sedução: as preciosas miçangas. As miçangas são tão contemporâneas quanto antigas. Incorporadas nas principais manifestações estéticas e rituais de vários¹².

As miçangas são tão contemporâneas quanto antigas. Incorporadas nas principais manifestações estéticas e rituais de vários grupos indígenas, as miçangas são apreciadas por sua diversidade de cores, tamanho, formas, qualidades de brilho e durabilidade. Assim como a pintura corporal e a ornamentação com dentes, conchas, penas e sementes, o uso da miçanga está essencialmente ligado à corporalidade, aspecto central na constituição da identidade entre esses e outros povos tradicionais¹³.

3.5. Empreendedorismo Apinajé: Amêndoas de Babaçu, Excedente Agrícola e Artesanato

¹² Fonte: <http://site.tucumbrasil.com/tag/artesanato-indigena>. Acesso em: 08-mai-2019.

¹³ Fonte: <http://site.tucumbrasil.com/os-caminhos-da-micanga>. Acesso em: 08maio2019.

Segundo Albuquerque e Almeida (2018), Dados do relatório demográfico quantitativo do Distrito Sanitário Especial Indígena (DSEI) Tocantinópolis TO (2014), certificam que a população Apinajé é de 2.282 indígenas, distribuídos por 27 (vinte e sete) aldeias. Segundo Almeida (2015) os Apinajé falam a língua nativa o Apinajé, mas também falam o português, ou seja, são um povo bilíngue. Ainda de acordo com essa autora, a aldeia São José é a mais antiga e mais populosa, com São José 369 pessoas, 128 homens e 191 mulheres.

Os Apinajé, notadamente da aldeia São José confeccionam colares, pulseiras, brincos, e vendem aos não indígenas, seus artesanatos, o excedente da produção agrícola e frutas nativas, por exemplo, a amêndoa de Babaçu. Em nossa pesquisa contatamos cinco indígenas Apinajé da aldeia São José, todos de uma mesma família, que lidam com artesanato. Além desses pesquisamos mais duas famílias, uma que trabalha revendendo produtos agrícolas e outra que trabalha no cultivo da amêndoa do coco Babaçu.

Os artesanatos são muito diversificados e bonitos. Eles são tão importantes para os indígenas que em 2012 foi realizada uma oficina somente para lidar com essa arte. Nos dias 10, 11 e 12 de outubro de 2012, foi realizado na aldeia Patizal terra indígena Apinajé, município de Tocantinópolis-TO, a 1ª Oficina de Artesanato e Saberes Tradicionais do Povo Apinajé. O evento teve a participação 80 pessoas, entre anciões,

alunos, mulheres e professores. A realização dessa oficina teve a finalidade propiciar um espaço social e cultural, onde os mais idosos, que são detentores de conhecimentos e saberes tradicionais, podem estar ensinando e repassando aos mais jovens, alguns conhecimentos e saberes do povo Apinajé (PEMPXÀ, 2012, s/p)¹⁴.

Os participantes gostaram da ideia, e pediram que sejam realizadas mais vezes, (pelo menos uma vez por ano) essas oficinas. Essa primeira edição da oficina de artesanato, foi uma parceria da Associação União das Aldeias Apinajé-PEMPXÀ, com a Supervisão de Educação Indígena do MEC/DRE-Delegacia Regional de Ensino de Tocantinópolis -TO e da FUNAI/CTL de Tocantinópolis e teve o apoio de CTI-Centro de Trabalho Indigenista, do CIMI-Conselho Indigenista Missionário regional GO/TO e UFT-Universidade Federal do Tocantins (PEMPXÀ, 2012).

¹⁴ Fonte: ASSOCIAÇÃO UNIÃO DAS ALDEIAS APINAJÉ-PEMPXÀ. Disponível: <http://uniaodasaldeiasapinaje>. Acesso em: 08-mai-2019.

Fig. (5). Oficina artesanato Apinajé.



Fonte: <http://uniaodasaldeiasapinaje>. Acesso em: 08-mai-2019.

Fig. (6). Cestaria Apinajé, de palhas de babaçu e buriti. (foto: Arq. PEMPXÀ).



Fonte: <http://uniaodasaldeiasapinaje>. Acesso em: 08-mai-2019.

Fig. (7). Artesanato decorativo feito com cabaça e sementes.



Fonte: Autoria própria.

Fig. (7). Mulheres Apinajé Realizam Oficina Sobre Extração Do Babaçu.



Fonte: <http://uniaodasaldeiasapinaje>. Acesso em: 08-mai-2019.

As amêndoas de Babaçu os indígenas comercializam com a TOBASA BIOINDUSTRIAL DE BABAÇU S/A, empresa brasileira, pioneira no desenvolvimento de tecnologias e processos para o extrativismo florestal e o aproveitamento integral do coco de babaçu, a qual gera “economia circular” e “soluções sustentáveis” para diversos setores da indústria. A Companhia contempla em seu parque industrial – com 175.000 m² de área total – a maior fábrica de carvão ativado de coco da América Latina¹⁵.

Em relação ao excedente agrícola, os Apinajé revendem milho e mandioca, abóbora, batata, arroz, produtos que eles cultivam sem agrotóxico. A unidade produtiva do povo Apinajé é a família extensa, dessa forma na hora de rea-

lizar serviços nos roçados, todos os membros da família (com exceção das crianças pequenas e idosos) participam. Os homens fazem os roçados. Os serviços de plantar, limpar e colher são tarefas predominantemente femininas, mas os homens também ajudam nestes trabalhos¹⁶.

No final do período chuvoso entre os meses de maio a julho organizamos mutirões para realizar serviços de derrubada do mato. Após algumas semanas o mato seco é queimado para preparação do terreno. Após a queima do mato, os homens munidos de machados, foices e facões realizam os serviços de coivaras, cortando e ajuntando os pedaços de troncos, galhos e folhas remanescentes para serem queimados, assim fica pronto o terreno para o plantio¹⁷.

Fig. (8). Família Apinajé no roçado.



Fonte: <http://uniaodasaldeiasapinaje>. Acesso em: 08-mai-2019.

¹⁵ Fonte: <https://www.tobasa.com.br/empresa>. Acesso em: 08-mai-2019.

¹⁶ Fonte: <https://www.tobasa.com.br/empresa>. Acesso em: 08-mai-2019.

¹⁷ Fonte: <https://www.tobasa.com.br/empresa>. Acesso em: 08-mai-2019.

As roças dos Apinajé são diversificadas, sustentáveis e familiares. Ainda geram renda, conhecimentos e renova a flora das capoeiras aonde são implantadas. Algumas espécies da fauna como periquitos, jaós, macacos, caititus, pacas, capivaras e outros roedores são atraídos e vem se alimentar nos roçados, aonde são caçados e abatidos servindo de alimentação para nosso povo. “Os produtos que plantamos

e colhemos são saudáveis, livres e independentes de agrotóxicos” (ASSOCIAÇÃO UNIÃO DAS ALDEIAS APINAJÉ-PEMPXÀ, 2018, s/p).

A mandioca, além de ser um produto muito reverenciado na cultura dos indígenas, pois é com ela que fazem o bolo paparuto (xwỳkupu), produto indispensáveis nas festas e rituais celebrativos, conforme Almeida (2015).

Fig. (9). Mulher da aldeia Patizal, preparando farinha de mandioca. O produto é o principal alimento consumido nas aldeias Apinajé. (foto: Antônio Veríssimo. 2012).



Fonte: <http://uniaodasaldeiasapinaje>. Acesso em: 08-mai-2019.

**Fig. (10). Roça de banana no sistema tradicional Apinajé, na aldeia Areia Branca.
(foto: Antônio Veríssimo. 2012).**



Fonte: <http://uniaodasaldeiasapinaje>. Acesso em: 08-mai-2019.

Os Apinajé acreditam que as práticas e saberes tradicionais sobre a agricultura, somados a outros conhecimentos técnicos, se forem bem aplicados, poderão resultar em importantes avanços para nossa agricultura familiar, melhorando a qualidade, quantidade e a diversidade de produtos que podem ser cultivados sem agrotóxicos. Podemos também melhorar as formas de controle das pragas, ervas daninhas, prevenir e combater as doenças nas lavouras, sem poluir e contaminar o solo, as águas e os próprios alimentos que produzimos e consumimos. Temos a consciência que a produção de alimentos, seja em pequena ou grande quantidade, devem respeitar o meio ambiente e a população, preservando a saúde e a vida das pessoas. Além disso, é uma fonte de renda, pois revendemos em Tocantinópolis o excedente (PEMPXÀ, 2018).

4. CONCLUSÃO

Neste trabalho, apresentamos o resultado de uma pesquisa sobre Empreendedorismo Indígena no Tocantins: Um Estudo com a Comunidade Apinajé da Aldeia São José. A pesquisa qualitativa e bibliográfica também utilizou os procedimentos da internetnografia, ou seja, obtenção de dados pela internet.

Os resultados indicam que os indígenas do Tocantins são empreendedores, principalmente na confecção de artesanato. Destaque para os Apinajé que além do artesanato, revendem a amêndoa do coco Babaçu para uma indústria em Tocantinópolis.

Outra fonte de renda, é a venda de excedentes agrícolas, tais como milho, abóbora, batata, mandioca, produtos cultivados sem agrotóxico, com boa aceitação pelos não indígenas.

REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE, Francisco Edviges. **Contribuição da Fonologia ao Processo de Educação Indígena Apinayé**. Tese de Doutorado. UFF – Universidade Federal Fluminense. Niterói: 2007.
- ALBUQUERQUE, Francisco Edviges. **A Educação Escolar Apinayé na Perspectiva Bilíngue e Intercultural**. Projeto de Pesquisa do Observatório da Educação Indígena. CAPES/UFT. 2010.
- ALBUQUERQUE, Francisco Edviges; ALMEIDA, Severina Alves de (Sissi). **SABERES TRADICIONAIS INDÍGENAS NOS PROCESSOS DE ENSINO EM ESCOLAS APINAJÉ E KRAHÔ**. 2017. No prelo.
- ALMEIDA, Severina Alves De. **Etnossociolinguística e Letramentos**: Contribuições Para Um Currículo Bilíngue E Intercultural Indígena Apinajé / Severina Alves De Almeida; orientadora: Rosineide Magalhães De Sousa. -- Brasília, 2015. 358 p.
- _____. **Etnossociolinguística**: Letramento e Bilinguismo Indígena Apinajé. Novas Edições Acadêmicas. Verlag Editora. Saarbrückn: Alemanha, 2017.
- ASSOCIAÇÃO UNIÃO DAS ALDEIAS APINAJÉ-PEMPXÁ. Disponível: <http://uniaodasaldeiasapinaje>. Acesso em: 08-mai-2019.
- BAGGIO, Adelar Francisco; BAGGIO, Daniel Knebel. **Empreendedorismo**: Conceitos e Definições. Rev. de Empreendedorismo, Inovação e Tecnologia, 1(1): 25-38, 2014 - ISSN 2359-3539. Disponível em: <https://seer.imes.edu.br/index.php/revistas/article/viewFile/612/522>. Acesso: 25-set-2017.
- BRASIL. Funasa – Fundação Nacional da Saúde Indígena. **Boletim Informativo Especial**. Abril de 2009. Edição Nº 8. Disponível: http://www.funasa.gov.br/site/wp-content/files_mf/blt_abr_2009.pdf. Acesso em: 17-set-2017.
- BRASIL. IPHAN. **Reunião do Conselho Consultivo do Patrimônio Cultural**. Data: 25 e 26 de janeiro de 2012. Horário: de 10h30 às 18h. Local: Sede do Iphan - Sala do Comitê Gestor - SEPS Quadra 713/913 – Bloco D – Asa Sul, Brasília – DF. Disponível: <http://portal.iphan.gov.br/noticias/detalhes/1190/bonecas-karaja-novo-patrimonio-cultural-brasileiro>. Acesso em: 08-mai-2019.
- COSTA, Maria Heloisa Fénelon. **A arte e o artista na sociedade Karajá**. Brasília: Funai, 1978. 196 p. (Originalmente Tese de Livre Docência na UFRJ, 1968).
- SEBRAE - Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (2018). Disponível: www.sebrae.com.br. Acesso em: 08-mai-2019.
- SITE: Fonte: <https://investigacoesindigenas.wordpress.com/category/empreendedorismo-indigena>. Acesso em: 25-set-2017.
- TAVEIRA, Edna Luisa de Melo. **Etnografia da cesta Karajá**. São Paulo: USP, 1978. (Dissertação de Mestrado). Publicada com o mesmo título em 1982 pela UFGO.
- TOCANTINS. Distrito Sanitário Especial Indígena (DSEI). Disponível: ortalsaude.saude.gov.br/index.php/o-ministerio/principal/leia-mais-o-ministerio/70-sesai/9880-dsei-tocantins. Acesso em: 17-set-2017.
- TOCANTINS. <https://www.t1noticias.com.br/jmpi2015/sebrae-promove-oficinas-de-design-para-os-indigenas>. Acesso em: 25-set-2017).
- UOL. Fonte: <http://mundoeducacao.bol.uol.com.br/geografia/a-populacao-indigena-no-brasil.htm>. Acesso em: 25-set-2017.

Agradeço à FACIT pela bolsa durante doze meses da pesquisa.

Agradeço ao Laboratório de Línguas Indígenas LALI da Universidade Federal do Tocantins, Professor Dr. Francisco Edviges Albuquerque, pela colaboração com material teórico.

Agradeço à minha Orientadora Profa. Dra. Severina Alves de Almeida Sissi pela atenção e ajuda em todos os momentos da pesquisa.